



ARTIGOS

ESTÓRIAS DO PASSADO PARA UM FUTURO PÓS-COVID 19: PARA ALÉM DA NORMALIDADE DA ‘BOA GESTÃO’

Alexandre Faria¹, Marcelo de Souza Bispo²

1 – Fundação Getúlio Vargas

2 – Universidade Federal da Paraíba

RESUMO

Por meio de uma perspectiva histórico-decolonial para a maioria interrogamos o retorno do futuro pós-COVID 19 à normalidade. A normalidade é conceituada neste artigo como uma pandemia governada pelo capitalismo patriarcal que foi inaugurada em 1492 com a invasão/descoberta da América por uma ordem humana eurocêntrica predominantemente contrária à vida. A pandemia da normalidade (PN) é constituída por binarismos da normalidade (BN) baseados no binarismo saúde-doença cuja efetividade depende da vigilante mobilização da ‘boa gestão’ que combate e apropria territórios, histórias-outras, e realidades solidárias vividas pela maioria em escala global. Neste artigo compartilhamos uma saída para o futuro, em busca de espaços para intervenções e ativismos solidários para além dos binarismos da ‘normalidade’ dentro e fora da universidade neoliberal predominantemente branca em transformação. Compartilhamos uma estória do passado que contempla não apenas violência, gula e vitória privilegiadas pela história, mas em especial resistência e solidariedade mobilizadas cotidianamente por comunidades, sociedades e indivíduos que constituem a maioria que vive um futuro-presente no qual a história da normalidade e histórias-outras coexistem, colidem e coalescem.

Palavras-Chave: gestão, pandemia, COVID-19, decolonialidade.

Enviado em 16 de maio de 2020

Incluído no sistema em 17 de maio de 2020

Aprovado em 29 de maio de 2020

Avaliação pelo sistema *Double Blind Review* com participação dos editores

ABSTRACT

Drawing upon a historical-decolonial perspective for the majority we interrogate the return of the pos-COVID 19 to normality. Normality is conceptualized in this article as a pandemics governed by the Eurocentric patriarchal capitalism inaugurated in 1492 with the discovery/invasion of Americas and establishment of a life-destruction racialist human order. The normality pandemics is constituted by normality binarisms grounded on the health-disease binarism which effectiveness depends on the vigilant mobilization of the 'good management' that destroys and appropriates territories, histories-others, and solidary realities lived by the majority in a global scale. In this article we share a way forward, in search for re-appropriation of spaces and solidary activisms beyond normality binarisms within and outside the predominantly white neoliberal university in transformation. This story of the past contemplates not just violence, greed and victory privileged by the history of normality, but in particular resistance and solidarity daily mobilized by communities, societies and individuals that constitute the majority living a future-present in which the history of normality and histories-others coexist, collide and coalesce.

Keywords: management, pandemic, COVID-19, decoloniality.

INTRODUÇÃO

O mundo acadêmico, incluindo o campo da gestão, voltará ou não à 'normalidade' no pós-COVID-19? Essa pergunta sugere que a 'COVID-19' é uma descontinuidade da 'normalidade', equívoco eurocêntrico co-construído pelo mundo acadêmico. A 'normalidade' é uma pandemia, chamada nesse artigo de pandemia da normalidade (PN), composta de binarismos da normalidade (BN), também chamados de paradoxos pelos defensores da 'boa gestão'. Os binarismos assimétricos da PN mais conhecidos, tais como, teoria-prática, pesquisa-educação, positivismo-interpretativismo, qualitativo-quantitativo, são acompanhados de outros binarismos profundos tais como, Norte-Sul, brancos-não-brancos, humanos-sub-humanos, civilização-barbárie.

A PN é um artefato do capitalismo patriarcal colonial (SOUSA SANTOS, 2018) e sua 'boa gestão' tem sido historicamente informada pelo BN 'saúde-doença'. A normalidade é uma ordem humana pandêmica na qual a condição de doença é subordinada ao estado de 'saúde'. Doença é condição constitutiva e necessária para progresso da saúde, assim como crises internas são constituintes do capitalismo histórico. Responsável pela ordem universal eurocêntrica que

supostamente nos defende de histórias-outras e do caos (BAUMAN, 1990) a PN conta com múltiplos binarismos dedicados a combater corpos 'estranhos' que desde o início dessa história do mundo eurocêntrico podem tirar os 'humanos' do 'lado certo' da história. Enfim, essa 'normalidade' pandêmica precisa da 'boa gestão' de binarismos duopolistas para combater a 'má gestão' profunda supostamente caótica, bárbara, sub-humana e não-branca. No campo da gestão, o binarismo gestão de empresas *versus* administração pública é um binarismo da PN construído no Norte liberal/eurocêntrico que ajuda a combater campos/corpos 'estranhos' da má gestão gerados no Sul profundo, tais como administração popular-participativa, pública-societal, ou de desenvolvimento (DE PAULA, 2005; TRAGTENBERG, 1982; RAMOS, 1970). Por sua vez, o binarismo pesquisa quantitativa-qualitativa institucionalizado pela universidade eurocêntrica combate a pesquisa-ação participativa gerada no Sul pela universidade popular pluriversal (FALS-BORDA; RAHMAN, 1991). Alternativas à PN geradas pela 'má gestão' dos BN tiraria das universidades e escolas de negócios o monopólio do conhecimento científico-profissional em 'boa gestão'. Neste artigo compartilhamos uma saída para o futuro, em busca de necessários espaços para intervenções e ativismos na era da

universidade neoliberal corporatizada (CONTU, 2020). Por meio de uma perspectiva histórico-decolonial compartilhamos uma história-outra do passado que vai além da PN (FARIA; HEMAIS, 2020) por contemplar não apenas violência, gula e vitória privilegiadas pela história pandêmica da normalidade, mas em especial “resistência e solidariedade” mobilizadas diariamente por comunidades, sociedades e indivíduos que constituem a maioria (FAULKNER, 2018).

PASSADOS DURADOUROS REMOTOS

Essa nossa estória em busca de alternativas para o pós-COVID-19 tem início em 1492. O colonialismo patriarcal na América Latina exterminou 70 milhões de ‘nativos sem alma’ para ‘salvar’ a história do mundo eurocêntrico com a introdução de doenças acompanhadas de sistema de saúde, normalizado pela universidade católica, que classificou sub-humanos residentes no eterno passado como ameaça à salvação (MIGNOLO, 2011). Extermínio e escravidão, acompanhados de dinâmicas de acumulação e expropriação contrárias à vida, não foram tratados como pandemia ou epidemia pela universidade porque a invasão/descoberta representava um desafio para necessária expansão missionária da ‘normalidade’. Por isso a vida dos historicamente discriminados

continua valendo menos na pandemia do COVID-19.

Enfrentamento reflexivo de sub-humanos não-brancos e ‘pragas’ sulistas na colônia era necessário para viabilizar a universalização da PN. Laços de solidariedade entre nativos e europeus dissidentes que resistiam a essa ‘normalidade’ contrária à vida foram tratados como ‘pragas sociais ou comunitárias’ viabilizadas pela ‘má gestão’ que ameaçava a ‘boa gestão’ do BN saúde-doença também na metrópole. A universalização radical da ‘boa gestão’ na metrópole por ‘bons cristãos’ tornou-se essencialmente necessária para proteger a história das garras sedutoras da barbárie e respectivas histórias-outras. Pragas ‘sulistas’ não apenas afetariam a saúde dos ‘humanos’ e a marcha da ‘normalidade’, mas também destruiriam na metrópole a ordem missionária que protege o mundo e a história do mal caótico. Na COVID-19, especulações sobre uma ‘praga’ chinesa ajudam a combater a ressurgência das garras sedutoras da barbárie e justificar a renovação radical da ‘boa gestão’ dos BNs.

A PN ofereceu ao BN saúde-doença o ‘positivismo’ e ‘a história’ como aparatos de ‘boa gestão’ que ajudaram a legitimar extermínios e apropriações de modos de vida de sub-humanos não-brancos e sub-

conhecimentos ‘negativos’ ao progresso humano. Com a promoção de epistemicídios em escala global, ‘sub-conhecimentos’ foram mais intensamente combatidos, apropriados e tidos pela universidade missionária eurocêntrica como responsáveis pela incapacidade de sub-humanos alcançarem a ‘objetividade/positividade’ tanto na metrópole quanto na colônia. Essa ‘boa gestão’ ampliada também promoveu a divisão da maioria solidária constituída por ‘sub-humanos’ e ‘infiéis/pobres’ similarmente oprimidos pelas forças do patriarcado colonialista. O histórico combate à solidariedade por meio de mecanismos de divisão da maioria, inaugurados em 1492, é mais fortemente radicalizado quando a ‘má gestão’ libertadora prevalece na metrópole, ilustrado pelas respostas às manifestações solidárias anti-racismo nos EUA iniciadas em Mineápolis.

A PN continuará disseminando a crença/certeza de que, diferentemente de pragas solidárias que levam à divisão e caos, ‘doenças’ são contingências ‘inerentes’ à saúde e progresso. Por exemplo, o interpretivismo foi inicialmente classificado como ‘praga’ típica de seres inferiores antes de ser convertido pela universidade em ‘doença’; esta ajudou a PN a combater e apropriar diálogos de resistência e práticas solidárias para além da normalidade entre

‘pobres’ e ‘bárbaros’ para institucionalizar o BN positivismo-interpretivismo e viabilizar compreensão e controle de povos inferiores na colônia e na metrópole. Bárbaros do Sul e ‘pobres’ do Norte que vivem histórias-outras não são meros ‘inimigos’, mas corpos ‘estranhos’ que corrompem o BN saúde-doença por meio da ‘má gestão’ que liberta e transformam ordem em caos. A universidade eurocêntrica predominantemente branca então combate e apropria histórias-outras que contam que a maioria solidária pode co-construir uma realidade que vai além da normalidade do patriarcado colonialista (MIGNOLO; WALSH, 2018).

Esse capitalismo patriarcal expandiu para a África no final do século XIX com suporte da universidade eurocêntrica imperial, que ofereceu a certeza ‘científica’ positiva de que ‘estranhos’ não-brancos sulistas eram mais ameaçadores à história do mundo do que qualquer ‘doença’ conhecida pela PN. A partilha da África tampouco foi classificada como ‘pandemia’. Era uma obrigação ‘responsável’ e ‘nobre’ levar civilização e a ‘boa gestão’ de BNs à África para que bárbaros não-brancos não se solidarizassem a ‘pobres’ na colônia e na metrópole. Com a universidade eurocêntrica imperial, a PN consolidou seu posicionamento como antídoto civilizacional radical a modos/corpos ‘estranhos’ mobilizados pelos

‘outros’ tanto no Sul quanto no Norte (DUSSEL, 2013).

A história da PN é uma história profunda do bem sobre o mal. Assim como guerras ajudam a fortalecer e expandir o capitalismo patriarcal histórico por meio de apropriação e contenção de ‘revoluções’ mobilizadas por comunidades solidárias, pandemias são condições estratégicas para reafirmar e refinar a ‘boa gestão’ dos BN e da história do mundo. Nessas situações, cosmologias ‘indígenas’ e ‘negras/africanas’ são seletivamente combatidas e apropriadas pela universidade e ‘positivamente’ convertidas em epistemologias *criollas*/híbridas pelo interpretivismo vinculado à noção eurocêntrica de ‘construtivismo’. O construtivismo/interpretivismo ampliado resultante é subordinado ao positivismo ampliado que renova e amplia dinâmicas de apropriação e de conversão de ‘outros’ em ‘subordinados epistêmicos’ tanto na colônia quanto na metrópole.

PASSADOS DURADOUROS RECENTES

Durante a Guerra Fria, o BN foi modificado por outros binarismos profundos tais como leste-oeste, capitalismo-comunismo ou esquerda-direita. Com a continuada crise do patriarcado capitalista nortista, sulistas classificados como terceiro-mundistas, comunistas no segundo mundo, ou minorias

políticas no primeiro mundo, conseguiram ir além da PN e institucionalizar histórias-outras solidárias. Dentro e fora da universidade eurocêntrica sulista, foram reapropriadas ‘doenças’ eurocêntricas tais como prática, aprendizagem, interpretivismo, entre outras por meio da ‘má gestão’ que liberta. Impulsionadas por movimentos interconectados de descolonização/de-discriminação em neocolônias e metrópole, universidades eurocêntricas nos EUA e Europa Ocidental também se transformaram em contextos solidários de desobediência civil e decolonialidade (SOUSA SANTOS, 2018). A radical retomada da ‘normalidade’ vem sendo protagonizada por uma nova PN, construída pelo neoliberalismo comandado pelos EUA, baseada no slogan ‘não há alternativa’ normalizado pela universidade neoliberal. Com o final da Guerra Fria, sulistas vêm sendo violentamente combatidos com hibridismos do neoliberalismo que corrompem binarismos (DARDOT; LAVAL, 2013) por meio de dinâmicas radicais de expropriação, apropriação e contenção contrárias à vida da maioria em escala global. Com apoio da episteme da pós-modernidade/pós-colonialidade, que apropria cosmologias/epistemes sulistas solidárias no Sul e no Norte, o capitalismo patriarcal neoliberal substitui a lógica racional ‘isso ou

aquilo’ por discursos emancipatórios ‘isso e aquilo’ que juntos combatem o ‘caos’. Na universidade neoliberal, educação vem sendo radicalmente preterida à pesquisa, quali à quanti, e prática à teoria. Seus discursos de ‘normalidade’ prometem liberdade e consentimento-cumplicidade individualista por meio de financeirização e radicalização militarista do capitalismo patriarcal em crise permanente.

A ‘proteção’ dos sulistas que praticamente desapareceu no início dos anos 1990 ressurgiu em anos seguintes. A ideia de que não há alternativa à nova PN é desafiada diariamente com ressurgência de inúmeras alternativas no Sul e Norte e respectivas histórias-outras. Múltiplas ‘pragas’ ressurgem no Norte global e promovem ressurgência da solidariedade, ilustrado, por exemplo, pelo movimento *Occupy* em *Wall Street* conectado ao Movimento Zapatista (TAYLOR, 2013). Seguidas crises no Norte global cada vez mais desigual, heterogêneo e discriminatório representado especialmente pela questão migratória e *whiteness* ampliam a população sulista e renovam conexões de solidariedade e resistência.

A PN promove ‘boa gestão’ com uso crescente de dinâmicas de bio-violência, necro-autoritarismo e *neo-apartheid* (SOUSA SANTOS, 2018). Ao invés do BN saúde-

doença, a nova PN pós 11 de setembro de 2001 abraça múltiplas modalidades de ‘saúde-doença’, com ou sem apoio da universidade, para promover hiperfragmentação da crescente maioria com binarismos profundos renovados tais como esquerda versus direita, nativos versus imigrantes ou todos contra todos. Em tempos de pandemia, a universidade ajuda a PN a controlar os questionamentos sobre a vida pós-pandemia. Por exemplo, classes populares sulistas não podem questionar o campo da gestão/economia pós-COVID-19. Com ou sem apoio da universidade neoliberal, o BN ‘saúde-doença’ combate e apropria debates ‘bárbaros’ e histórias-outras baseadas na ‘má gestão’ que liberta. A pandemia é transformada em tema de pesquisa por universidades e instituições financeiras que ajudam a reafirmar a inexistência de alternativas a BN; estamos produzindo uma avalanche de ‘pesquisas quantitativas’ focadas na opinião ou percepção de privilegiados e pesquisas qualitativas focadas nas experiências da maioria que luta pela sobrevivência. Com a radicalização da boa gestão, questionadores ‘estranhos’ vinculados à universidade popular pluriversal são coibidos ou cooptados e teorias-práticas solidárias da administração popular são invisibilizadas. Com suporte da ‘má gestão’ solidária, histórias-outras proliferam e informam

histórias-outras como a nossa; em conjunto essas histórias-outras reforçam a convicção da maioria de que pandemias são contextos históricos de reafirmação da PN e também de ressurgimento das dinâmicas de libertação planetária que conectam Haiti, Palmares e Chiapas (FAULKNER, 2018).

CONCLUSÃO: O PASSADO-FUTURO NO PRESENTE

Essa história-outra do passado ajuda a explicar por que durante a pandemia do COVID-19, a maioria tanto assimila quanto confronta a radicalização da PN e da ‘boa gestão’ dos binarismos da normalidade. Por meio de histórias-outras e dinâmicas solidárias impulsionadas pela gestão que liberta sabemos que a ‘normalidade’ do capitalismo patriarcal explora pandemias desde 1492 para ampliar privilégios de apropriação-acumulação-expansão contrários à vida. Também no contexto da universidade neoliberal, o desejo da maioria pelo retorno à normalidade renovado pela PN e pela história coexiste com o desejo por realidades que vão além da normalidade e seus binarismos.

É importante destacar que essa história-outra é viabilizada por pesquisadores no Sul e no Norte que têm contestado a

‘normalidade’ em escolas de negócios e se aproximado crescentemente da maioria e da possibilidade de uma universidade popular pluriversal (COOKE & ALCADIPANI, 2015; DAR, 2019). É pouco provável que acadêmicos no Norte global continuem acreditando que Sul e Norte continuarão divididos por binarismos profundos e é cada vez menos plausível que ‘sulistas oprimidos’ acreditem na inferioridade/impotência do Sul solidário também inaugurado em 1492.

Estamos vivendo nesse presente da COVID-19 o desejo coletivo de também retornarmos ao passado anterior à (contra-)revolução neoliberal e múltiplos projetos a favor da vida que constituem a universidade e escolas de administração, tais como: a) engajamento solidário de acadêmicos ‘sulistas’ do Sul e do Norte (ver o movimento *democratizingwork.org*); b) expansão de projetos interseccionais interrompidos por radicalizações contrárias à vida promovidas pela universidade neoliberal predominantemente branca; c) renovação da práxis libertadora interrompida em diferentes partes do mundo, incluindo o Norte global, dentro e fora da universidade. Essa é a nossa estória do passado para um futuro pós-COVID 19 que nos permite ir além da PN e da ‘boa gestão’, a qual temos o privilégio de compartilhar com você leitor e outros constituintes da maioria.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. Modernity and Ambivalence, **Theory, Culture & Society**, v. 7, p. 143-169, 1990.
- CONTU, A. Answering the crisis with intellectual activism: Making a difference as business schools scholars. **Human Relations**, 2016. <https://doi.org/10.1177/0018726719827366>.
- COOKE, B.; ALCADIPANI, R. Toward a global history of management education: the case of the Ford Foundation and the São Paulo School of Business Administration, Brazil. **Academy of Management Learning & Education**, v. 14, n. 4, p. 482-499, 2015.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. **The new way of the world: on neoliberal society**. New York: Verso, 2013.
- DAR, S. The masque of Blackness: Or, performing assimilation in the white academe. **Organization**, v. 26, n. 3, p. 432-446, 2019.
- DUSSEL, Enrique. **Ethics of liberation: In the age of globalization and exclusion**. Duke University, 2013.
- FALS-BORDA, O.; RAHMAN, M. (Eds). **Action and knowledge: breaking the monopoly with participatory action-research**. New York: Apex Press, 1991.
- FANON, F. **Black Skin, White Masks**. New York: Groove, 2008.
- FARIA, A.; HEMAIS, M. Transmodernizing Management Historiographies of Consumerism for the Majority. **Journal of Business Ethics**, 2020. <https://doi.org/10.1007/s10551-020-04528-y>.
- FAULKNER, N. **A Radical History of the World**. London: Pluto Press, 2018.
- MILLS, C. **Black Rights/White Wrongs: The Critique of Racial Liberalism**. New York, NY: Oxford University Press, 2017.
- MIGNOLO, W.; WALSH, C. **On decoloniality: Concepts, analytics, praxis**. Duke University, 2018.
- MIGNOLO, W. **The darker side of western modernity: Global futures, decolonial options**. Duke University, 2011.
- PAULA, A. P. P. D. Administração pública brasileira entre o gerencialismo e a gestão social. **Revista de Administração de Empresas**, v. 45, n. 1, p. 36-49, 2005.
- RAMOS, A. G. A nova ignorância e o futuro da administração pública na América Latina. **Revista de Administração Pública**, v. 4, n. 2, p. 7-45, 1970.
- SOUSA SANTOS, B. **The End of Cognitive Empire: The Coming of Age of Epistemologies of the South**. Durham: Duke University Press, 2018.
- TAYLOR, B. From alterglobalization to Occupy Wall Street: Neoanarchism and the new spirit of the left. **City**, v. 17, n. 6, p. 729-747, 2013.
- TRAGTENBERG, M. Administración participativa en Brasil: Lages y Boa Esperança. **Revista Interamericana de Planificación**, n. 63/64, p. 245-258, sep./dic. 1982.

CONTATO

Alexandre Faria

Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

E-mail: alex.faria.br@gmail.com

Marcelo de Souza Bispo

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil.

E-mail: marcelodesouzabispo@gmail.com